> A interseccionalidade a partir de *Quarto de Despejo*, De Carolina Maria de Jesus

> The intersectionality in *Quarto de Despejo*, by Carolina Maria de Jesus

por Julia de Freitas Vieira

Discente de licenciatura em História na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), atualmente estuda temas relacionados aos estudos feministas, em especial o feminismo negro em diálogo com a literatura brasileira. E-mail: vieira.julia@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-0228-7338.

por Izilda Cristina Johanson

Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professora Associada de Filosofia Contemporânea no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, com estudos e publicações dedicados ao tema e a abordagens de perspectiva feminista em filosofia e história da filosofia. E-mail: i.johanson@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-6648-5552.

Resumo

As relações de poder em torno das questões de raça, classe e gênero dão lugar a uma combinação característica de opressões que atingem, de modo particular, as mulheres negras. A fim de refletir sobre o conceito de interseccionalidade na obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, abordaremos a questão do contexto colonial no qual se enraízam os alicerces que têm mantido praticamente intactas as estruturas sociais das desigualdades de condições em meio à diversidade de indivíduos. Visamos a destacar no artigo como a autora Carolina Maria de Jesus dialoga com a perspectiva interseccional desenvolvida dentro do feminismo negro, expondo as diferentes opressões e resistências que a obra permite analisar.

Palavras-chave: Interseccionalidade. Feminismo negro. Filosofia. Literatura.

Abstract

The power relations around the questions of race, class e gender cause a characteristic combination of oppressions that hits, in a particular way, the black women. In order to reflect about the concept of intersectionality in the book *Quarto de Despejo: diário de uma favela*, we will approach the question of the colonial context in which the foundations that have maintained practically intact the social structures of inequalities of conditions among the diversity of individuals. We are looking to highlight in the article how the author Carolina Maria de Jesus dialogues with the intersectional perspective developed within black feminism, exposing the different oppressions and resistances that the book allows to analyze.

Keywords: Intersectionality. Black feminism. Philosophy. Literature.

> Artigo recebido em 06.06.2020 e aceito em 27.08.2020.

A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. A vida era a mistura de todos e de tudo. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser

Conceição Evaristo

Introdução

O termo *interseccionalidade* foi utilizado pela primeira vez para designar a interdependência das relações de poder de raça, classe e sexo no texto “*Demarginalizing The Intersection of Race and Sex; a Black Feminist Critique of Discrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*” da jurista afro-americana Kimberlé W. Crenshaw, em 1989. Entretanto, uma maior disseminação de estudos sobre a realidade à qual esse termo dá nome ocorrera já antes, na década de 1970, a partir do movimento *Black Feminism*,¹ nos Estados Unidos.² Contudo, no centro de suas questões podemos considerar que:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis-heteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais³.

¹ Movimento político feminista estadunidense formado por mulheres negras afro-americanas que procurou situar e criar um olhar crítico sobre as questões particulares que afetam as mulheres negras. Teve um papel contra hegemônico dentro do movimento feminista, caracterizado até então por ser um movimento majoritariamente branco e elitista. Algumas pioneiras do *Black Feminist* são Angela Davis, Patricia Hill Collins, Audre Lorde e Barbara Smith.

² Helena Sumiko Hirata, “Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais”, 2014, p. 62.

³ Carla Akotirene, *Interseccionalidade*, 2019, p. 19.

A transdisciplinaridade presente neste conceito, mediante o seu vasto campo de atuação nas diferentes áreas do conhecimento, como o direito, a história, a filosofia e as ciências sociais, proporciona reflexões em torno da identidade dos sujeitos nos quais as categorias entre raça, classe e gênero se entrelaçam em suas vivências e nas desigualdades de condições às quais estão submetidos. Esse enfoque integrado nos permite não apenas estudar, de maneira situada e específica, as opressões na vida das mulheres negras, como também, e em contrapartida, as formas com que esse grupo de indivíduos resistem a esses sistemas de opressão.

Numa sociedade como a nossa, patriarcal e de supremacia branca, a interseccionalidade de opressões opera em favor da manutenção das desigualdades sociais.⁴ A remodelação e, ao mesmo tempo, a reiteração dessas estruturas de poder se faz por vários caminhos e modos. Um deles, e aquele para o qual gostaríamos de dar destaque, diz respeito à atribuição arbitrária (mediante a ação de quem tem o poder para isso) de diferentes papéis a alguns grupos compostos pelas minorias.⁵ O critério racial é o constitutivo principal desses mecanismos de seleção, que determinará que os lugares mais baixos na hierarquia social serão ocupados por pessoas negras.⁶

Segundo Djamila Ribeiro, as experiências de alguns grupos localizados socialmente de forma hierarquizada fizeram com que os saberes e vozes

⁴ Jessica Mara Raul, “Carolina Maria de Jesus: literatura, espaço e memória”, 2019, p. 242.

⁵ Um grupo de pessoas que de algum modo nas relações sociais se encontra numa situação de desvantagem em relação a um outro grupo. Situam-se as minorias como grupos que quase sempre recebem um tratamento discriminatório por parte da maioria, grupos dominantes que se determinam como padrão.

⁶ Beatriz Nascimento, “A mulher negra no mercado de trabalho”, 2019, p. 261.

produzidos por essa parte da população fossem subalternizados, com condições sociais que os mantivessem em um lugar silenciado estruturalmente.⁷ A filósofa também expõe que “o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e *lugar de fala* nos faz refutar uma visão universal de mulher e negritude”⁸. Portanto, dentro da análise interseccional e das concepções dessa autora, pode-se pensar a literatura como um dos meios no qual as múltiplas vivências das mulheres negras podem se situar, apresentando um *lugar de fala*, e difundir uma *autodefinição* de si mesmas perante seus escritos, quebrando o silenciamento estrutural.

Nesse sentido, podemos caracterizar a literatura de Carolina Maria de Jesus como parte de uma *escrevivência*. Esse termo foi criado pela escritora Conceição Evaristo e diz respeito, fundamentalmente, a um processo criativo de escrita que se liga à vivência de um indivíduo e se distancia dos padrões acadêmicos de discurso hegemônico, no qual, em sua produção textual, o sujeito deve se manter distante dos acontecimentos para ter validade a sua fala. Em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, a *escrevivência* é também *insubmissa*, na medida em que centraliza seus registros naqueles indivíduos que se encontram à margem, em virtude da visibilidade e do destaque que lhe são dados a partir do momento da sua publicação.⁹

⁷ Djamila Ribeiro, *Lugar de fala*, 2019, p. 63.

⁸ *Ibidem*, p. 69. grifo nosso.

⁹ *Quarto de Despejo* foi distribuído em cerca de quarenta países e traduzido em 13 idiomas, além de presente, desde 2014, nas listas de leituras obrigatórias nas provas de vestibular em algumas das principais universidades brasileiras. Ver Jessica Mara Raul, “Carolina Maria de Jesus: literatura, espaço e memória”, 2019, p. 247.

Considerando, em primeiro lugar o contexto histórico colonial brasileiro, durante os séculos XVI ao XIX, caracterizado pela desumanização e exclusão político-social de negros e negras no Brasil, nos propomos a apresentar o conceito de interseccionalidade à luz da obra *Quarto de Despejo*, frisando situações e relatos de Carolina Maria de Jesus que destacam a remodelação de certas estruturas de poder do passado colonial. Propomos-nos, ainda, a refletir sobre o contexto do pós-abolição que se pronuncia nas situações de resistência expostas no diário de Carolina, seja por meio da explicitação das desigualdades de condições intrínsecas à situação da mulher negra, seja por meio do diálogo desta literatura com as questões enfrentadas pelas teóricas do feminismo negro nos Estados Unidos e no Brasil, a partir da década de 1970.

1. O contexto colonial e seus alicerces

Pode-se descrever a opressão como “qualquer situação injusta em que, sistematicamente e por um longo período, um grupo nega a outro grupo o acesso aos recursos da sociedade”¹⁰. Logo, a situação da mulher negra na contemporaneidade não está desassociada das consequências históricas de um país que legalizou durante mais de 350 anos a escravização de negros e negras. Nesse contexto colonial escravocrata, a situação da mulher negra guarda particularidades. Ela deveria servir tanto ao trabalho doméstico, aquele

¹⁰ Patricia Hill Collins, *Pensamento Feminista Negro*, 2019, p. 33.

circunscrito à casa-grande, quanto às atividades subsidiárias, realizadas externamente na agricultura e afins. Contudo, para além destes, o lugar especialmente reservado à mulher negra esteve relacionado ao cumprimento de uma função especificamente destinada a ela e determinante do ponto de vista da economia colonial, a saber, a de fêmea reprodutora, que, enquanto tal, abasteceria a mão de obra do mercado interno concorrendo com o tráfico negreiro.¹¹

Tomando como referência, ponto de partida e pedra de toque o lugar ocupado pela mulher negra nesse sistema escravagista, Lélia Gonzalez desenvolve e explora a questão da perpetuação, nos tempos de pós-escravidão legal, de pelos menos duas visões muito características associadas comumente, até hoje, à mulher negra. De um lado, a da trabalhadora doméstica, figura que remete à mucamba, mulher escravizada a serviço de senhoras e de senhores dentro da casa-grande, dedicada ao trabalho doméstico e, dada a sua proximidade compulsória do núcleo privado e íntimo dos senhores e das senhoras, mais facilmente submetida aos caprichos e às idiossincrasias senhorias. De outro, e como uma espécie perversa de extensão dessa primeira, a figura da mulher sensual, hipersexualizada (por oposição à mulher branca frequentemente dessexualizada), espécie de atração fatal, frequentemente exaltada nos tempos atuais, por exemplo, no mito carnavalesco da *mulata do samba*, este construído em grande parte sobre outro mito, o da democracia racial, consagrado pela obra *Casa-Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre e que ainda permeia uma boa parte da produção da memória em torno da escravidão no

¹¹ Beatriz Nascimento, “A mulher negra no mercado de trabalho”, 2019, p. 260.

Brasil.¹² Consideramos essas duas imagens amostras significativas do modo como opera a máquina de produção de mitos coloniais, cujo propósito fundamental é o de reformular esses mitos continuamente a fim de que possam ser mantidas intactas as estruturas de opressão e, conseqüentemente, de poder.

Ademais, o sujeito homem, branco, proprietário, senhor detentor dos meios de produção material e de conhecimento, de valores morais e de esferas de poder institucional do sistema escravocrata, definia o povo negro como propriedade. Ocupante da base da pirâmide social em cujo topo encontra-se o opressor, a mulher negra torna-se, assim, a mão de obra explorada, tal qual a do homem negro, mas com algo a mais em relação a este: enquanto mulher, torna-se também vítima contumaz do abuso sexual. O estupro, que desde os mais remotos tempos presta-se a desempenhar o papel de arma de dominação, tinha, no caso das negras escravizadas, por principal objetivo reprimir a resistência destas, reduzindo-as à condição de fêmeas: reduzidas a coisas, a objetos, no entanto, sexuados. Segundo Angela Davis, em *Mulheres, raça e classe*:

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas¹³.

Não sendo restrito somente à violência física, o silenciamento do povo negro, conjuntamente com outras formas simbólicas de repressão, também permeia esse contexto de escravidão. Grada Kilomba¹⁴ expõe a *máscara*, um objeto composto por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito

¹² Lélia Gonzalez, "Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", 1984, p. 228-230.

¹³ Angela Davis, *Mulheres, raça e classe*, 2016, p. 19.

¹⁴ Grada Kilomba, *Memórias da plantaço*: episódios de racismo cotidiano, 2019.

negro com a finalidade de reprimir a sua fala e a sua enunciação. Essa máscara retrata, segundo a autora, o silêncio que, no contexto de alteridade da branquitude¹⁵ – em que o negro representa aquilo que ela não quer parecer – visa a constituir negros e negras como não sujeitos. Esse *Outro*, construído a partir do *Eu* (branco, homem, europeu), é lançado, assim, ao processo de absoluta negação de sua própria existência.¹⁶

Kilomba dá especial destaque ao processo de criação, pela branquitude, da ideia de *objeto ruim* como aquele que corresponde à pessoa negra, ou seja, aquela pessoa que deve "incorporar os aspectos que a sociedade branca tem reprimido e transformando em tabu, a saber, agressividade e sexualidade"¹⁷. É a branquitude posta como ideal moral, decente e civilizado que põe o sujeito negro na posição de seu oposto simétrico, isto é, no lugar do violento, do perigoso, do sujo e do excitante. Essa realidade irracional do racismo não pode deixar de ser fortemente traumática para os indivíduos negros, pois, por meio dela, são criadas fantasias sobre o que a negritude deveria ser, mas, de fato, não é. Neste sentido, ser negra

¹⁵ O termo *branquitude* tem correlação com o termo *negritude*, ambos designam ligação a uma identidade racial. Se a negritude é expressão da identidade racial para negros e negras, a branquitude, por sua vez, é o que configura a identidade racial para pessoas brancas. Esta pode exercer-se na prática de forma crítica (em posicionamentos antirracistas sobretudo) como também acrítica. Neste último caso, a branquitude se materializa na mentalidade de tipo supremacista: reitera, portanto, uma estrutura hierárquica já estabelecida na sociedade, colocando pessoas brancas no topo dessa hierarquia e atribuindo a estas direitos e poderes de subjugar e oprimir aqueles e aquelas que se encontram abaixo. Para além da polaridade extrema do crítico e do acrítico, entende-se, de modo geral, que os modos de ser da branquitude são múltiplos e diversificados, quantitativamente e qualitativamente, assim como são diversificadas também as práticas racistas.

¹⁶ Grada Kilomba, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, 2019, p. 38-40.

¹⁷ *Ibidem*, p. 37.

e ser negro é ser, de saída, negação de uma existência real e concreta, é ser negação de si, é não ser.

As imagens da negritude com as quais nós, negras e negros, somos confrontadas e confrontados não são, de fato, nem realistas, tampouco gratificantes.¹⁸ No entanto, o que nos parece ainda mais problemático são as consequências desses séculos de silenciamento das vozes e da palavra de negros e negras, algo bastante representativo da permanência daquelas *máscaras* às quais os escravizados eram submetidos.

Há, pois, continuidade e permanência desse passado no presente. Um dos modos pelos quais se dá essa continuidade é o silenciamento, que se realiza, por sua vez, na forma de fuga desse passado de escravidão, colonialismo e racismo, elementos fundantes e estruturais na formação do Brasil.

2. A remodelação das estruturas de poder no contexto do pós-abolição: opressões e resistência

A obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, leva ao regaste, que já vinha sendo feito por outros autores e autoras, como Lima Barreto, Luiz Gama, Cruz e Sousa e Maria Firmino dos Reis, da identidade afro-brasileira, por muito tempo silenciada. Ao mesmo tempo, essa obra também remete à reflexão e à crítica sobre o processo discursivo consolidado por cânones da literatura brasileira que se concentram, como afirma Rita Terezinha Schimidt, na “elitização, masculinização e branqueamento da cultura como critérios de

¹⁸ *Ibidem*, p. 39

civilização”¹⁹, diante de uma posição enquanto sujeito que não se enquadra a esse ideal preestabelecido que é incorporado no campo literário.

Por se tratar de uma literatura considerada de testemunho, ao lançarmos mão desse livro como fonte de estudo, não podemos deixar de levar em consideração algo que nos parece essencial e diz respeito ao fato de que:

Testemunho e diário são as marcas ou pegadas do indivíduo na era da sua desapareição. Este indivíduo precisa se apegar a um Eu que ele está recriando e reafirmando tanto quanto lhe é permitido por um mundo que o puxa, se não para o extermínio, ao menos para o anonimato e para a sua insignificância²⁰.

A particularidade da escrita de testemunho no qual o autor ou a autora busca se apegar a um *Eu*, já que a sua existência é tencionada por sua possível desapareição, é evidente na obra de Carolina. Diante das dificuldades socioeconômicas, o suicídio é um tema recorrente em seu diário e nos demonstra a tensão e a fuga dessa situação pela escrita, como podemos averiguar: “Como é horrível levantar de manhã e não ter nada para comer. Pensei até em suicidar. Eu suicidando-me é por deficiência de alimentação no estomago. E por infelicidade eu amanheci com fome”.²¹

Neste sentido, e perante a perspectiva de que “todo ser humano concreto sempre se situa de um modo singular”,²² julgamos ser necessário situar a trajetória de Carolina Maria de Jesus para que se possa melhor compreender a real dimensão das dificuldades em face das quais surgirá, para ela, a necessidade de transpor em texto a sua vivência. As reflexões extraídas dos dilemas expressos

¹⁹ Rita Terezinha Schmidt, “Na literatura, mulheres que reescrevem a nação”, 2019, p. 70.

²⁰ Márcio Seligmann-Silva, “O local do testemunho”, 2010, p. 9.

²¹ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 99.

²² Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, 2016, p. 10.

em sua narrativa, entre outros acontecimentos social e historicamente situados, nos permitirão, ainda, explorar o conceito de interseccionalidade, o objeto central deste estudo.

A escritora Carolina Maria de Jesus nasceu no interior de Minas Gerais, no município de Sacramento, em 1914. Junto com a família, ela se mudou para Franca, em São Paulo, no ano de 1930, onde trabalhou como lavradora e, em seguida, como empregada doméstica. Em 1948, se deslocou para a favela do Canindé, local em que escreveu seus diários. Mulher negra, pobre e mãe solo de três filhos, José Carlos, João José e Vera Eunice, trabalhava durante a noite como catadora de papel e recolhia livros e revistas, que lia no seu tempo livre.²³

A história de Carolina Maria de Jesus, escrita em seus diários de 1955, 1958 e 1959, demonstra a sensibilidade da autora e personagem principal do livro para as mudanças sociais que não se restringiam unicamente à favela do Canindé, seu local de moradia e predominantemente de convívio social. Nesse lugar de vivência da autora, ela nos relata a realidade das péssimas habitações, da violência, do alcoolismo e da necessidade de grande parte dos moradores de viver de doações, além da venda de recicláveis. As dificuldades enfrentadas por Carolina não são dispares das dos seus vizinhos.

No entanto, do ponto de vista literário, o *quarto de despejo* – o modo como ela se refere à favela – não será construído fechado em si mesmo. Ele irá contrastar com a *sala de visita*, isto é, o centro da cidade de São Paulo. Esse

²³ Yohana Maria Alencar e Miguel Ângelo Silva, “Uma análise interacionista sobre a construção social da pobreza na literatura brasileira por Carolina Maria de Jesus: ‘Quarto de despejo: diário de uma favelada’”, 2017, p. 31.

contraste é fundamental para se compreender a própria nomeação do livro e a maneira como a narradora enxerga a espacialidade da cidade.

Essas disparidades podem ser melhor compreendidas pelas palavras de Carolina Maria de Jesus:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo²⁴.

Essa espécie de paralelo contrastante entre periferia e centro será um recurso constante e um dos modos pelos quais nossa escritora construirá, por sua vez, essa sociedade que será também objeto literário.

O crescimento das periferias e habitações irregulares como majoritariamente lugares de vivência da população negra no Brasil revela uma das partes mais sombrias do processo de pós-abolição, responsável, em grande parte, pela marginalização da população negra na sociedade, no processo de espacialização dos centros urbanos. O próprio fim da favela do Canindé, após inundações nos anos de 1960 e 1961, que deslocaram os moradores para um conjunto habitacional no Jabaquara, fez parte dessa nova configuração territorial. Nesse cenário, a vivência de Carolina, em boa medida exposta nos seus diários, estará interligada à trajetória e aos desafios enfrentados por outras mulheres negras, talvez a maioria delas, nesse contexto pós-colonial. Assim,

²⁴ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 37.

entendemos ser possível reconhecer nos relatos de seus diários algumas das formas típicas de opressão que entrelaçam gênero, raça e classe.²⁵

Mesmo 70 anos após a abolição oficial da escravidão, Carolina Maria de Jesus ainda enxerga, em pleno 13 de maio de 1958, a permanência da escravatura na situação de miséria e de exclusão social das mulheres negras no Brasil, mediante a falta de recursos para o básico dos básicos, isto é, a alimentação de sua família:

... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos.

E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!²⁶

Nesse contexto de remodelação das estruturas de poder, uma questão recorrente no livro é a da vestimenta da Carolina e de seus filhos, em especial os calçados. Essa questão se apresenta, desde o primeiro relato, no dia 15 de julho de 1955, quando Carolina de Jesus escreve sobre o desejo de sua filha, Vera Eunice, de ganhar de presente um par de sapatos. E, mais adiante, no dia 19 de junho de 1958, em que ela diz: “José Carlos não queria ir para escola, porque estava frio e não tinha sapatos, mas como era dia de exame acabou indo”²⁷.

Segundo Sara Raquel Silva e seu estudo sobre a sociedade colonial a partir da indumentária, as roupas eram cedidas aos escravizados como uma finalidade

²⁵ Consideramos imprescindível destacar, neste caso, que não há, não pode e não deve haver hierarquização dessas formas de opressão, haja vista que elas ocorrem de maneira assimétrica e integrada.

²⁶ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, 2014, p. 32.

²⁷ *Ibidem*, p. 66.

cristã de *cobrir as vergonhas*, e também para manter uma melhor aparência daqueles trabalhadores que eram apresentados à sociedade. No entanto, a grande maioria – aqueles que não faziam parte desse núcleo próximo de seus senhores, ou seja, os trabalhadores braçais, principalmente – era vestida com roupas menos elaboradas e sem calçados. A vestimenta mantém-se, assim, como um aspecto importante de diferenciação social, em que o calçado evidenciava a distinção entre escravizados e libertos.²⁸ Nos diários de Carolina de Jesus, a ênfase do incômodo dos filhos em relação à falta de calçados, como também em relação às roupas – sendo estas provenientes em grande parte de doações – aponta para essa remodelação, mencionada acima, de uma estrutura social ainda fortemente enraizada em aportes do passado colonial, em que a exclusão é feita não somente pela espacialidade, mas também pela própria vestimenta.

A falta de auxílio e as condições de classe, de mulher negra pobre periférica, são decisivas na produção de seu diário. No dia 17 de maio de 1958, por exemplo, ela conta que acordou outra vez nervosa, descontente com a vida que levava, se questionando se os pobres de outros países sofrem igual aos pobres do Brasil; acabou descontando a frustração em uma briga sem motivo com José Carlos, seu filho.²⁹ Relata, em seguida:

...Chegou um caminhão aqui na favela. O motorista e o seu ajudante jogam umas latas. É linguiça enlatada. Penso: É assim que fazem esses comerciantes insaciáveis. Ficam esperando os preços subir na ganancia de ganhar mais. E quando apodrece jogam fora para os corvos e os infelizes favelados³⁰.

²⁸ Sara Raquel de Andrade Silva, “O Figurino da Colônia: uma análise da sociedade colonial brasileira a partir da indumentária”, 2014, p. 385-386.

²⁹ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 33.

³⁰ *Ibidem*, p. 34.

A posição crítica sobre a forma como a miséria se configura não somente no interior da sua família, mas no cotidiano dos moradores ao redor, expõe de modo particular uma consciência de classe sobre a sua condição naquele momento. Em outra passagem, a escritora também destaca: “Saí indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso”³¹. Interliga, assim, mais uma vez, a história colonial com o nosso presente, nos fazendo refletir sobre a manutenção da situação de trabalho à exaustão, amplamente presente no dia a dia de Carolina e cujo sofrimento, de acordo com vários de seus relatos durante o livro, era em parte suprimido pelo efeito de medicamentos.

É marcante a experiência de subalternização dupla na vida da escritora, a saber, como mulher e como negra.³² A situação de mulher negra escritora e mãe solo permeia todo o livro, sendo imprescindível à compreensão da alegada antipatia que alguns moradores da comunidade nutriam por ela. Segundo o que se lê em *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, vizinhas espalhavam boatos sobre Carolina; supõe-se que se sentiam intimidadas pelo diferencial dela em relação aos demais moradores, pois, como escritora, Carolina de Jesus denunciava a miséria dos favelados. Discriminavam-na por ela não ser casada e ser desejada por alguns homens da favela. O trecho a seguir apresenta um pouco dos questionamentos que eram feitos à Carolina e que ela mesma se faz:

Refleti: preciso ser tolerante com os meus filhos. Eles não tem ninguém no mundo a não ser eu. Como é pungente a condição de mulher sozinha sem um homem no lar.

³¹ *Ibidem*, p. 12.

³² Jessica Mara Raul, “Carolina Maria de Jesus: literatura, espaço e memória”, 2019, p. 242.

Aqui todas impricam comigo. Dizem que falo muito bem. Que sei atrair os homens. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo³³.

Outro ponto a ser destacado dessa passagem de *Quarto de despejo* é o de que, segundo sua autora, por meio da escrita, em meio às dificuldades da vida, Carolina conseguia se acalmar. É no seu diário, por meio da escrita, que uma mulher negra ergue sua voz e se posiciona contra os preconceitos e contra a situação de miséria, vislumbrando a possibilidade de melhores condições de vida. E isto acontece ao mesmo tempo que ela denuncia as mazelas e o descaso do governo com os mais pobres e informa sobre a realidade da vida social da favela.³⁴ O excerto adiante, no qual a própria escritora também se inclui, expressa, em uma pequena amostra, o pouco auxílio governamental que os moradores da favela do Canindé recebiam:

Abri a janela e vi as mulheres que passam rapidas com seus agasalhos descorados e gastos pelo tempo. Daqui a uns tempos estes palitol que elas ganharam de outras e que de há muito devia estar num museu, vão ser substituidos por outros. É os politicos que há de nos dar. Devo incluir-me, porque eu tambem sou favelada. Sou rebotalho. Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo³⁵.

Nesse universo, a literatura de Carolina de Jesus tanto dá voz aos conflitos internos da autora quanto relata as misérias sociais que transpassam a realidade vivida singularmente por ela. Esses dois elementos se entrelaçam e não podem

³³ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, 2014, p.22. Esses julgamentos dirigidos a ela não se encontram longe da realidade atual de milhares de mulheres negras que se apresentam na situação de mãe solo no Brasil, haja vista a cobrança, em relação a elas, de formação de um núcleo familiar tradicional e, ao mesmo tempo, de que, enquanto mulheres, que se encarreguem dos cuidados dos filhos.

³⁴ Rebeca Mendes Garcia e Larissa Cardoso Beltrão, “O cânone e a literatura marginal de Carolina Maria de Jesus: uma análise de *Quarto de Despejo*”, 2019, p. 89.

³⁵ Carolina Maria de Jesus, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 37.

ser apreendidos destacadamente um do outro, o que se deve ao modo único como ambos são refletidos no texto da escritora.

Casos de racismo também são apresentados no diário de Carolina, como o ocorrido no dia 16 de junho de 1958:

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:

- É pena você ser preta.

Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta³⁶.

Nesse comentário, Carolina de Jesus aborda um tema importante do pensamento feminista negro, que é o da *autodefinição* e a sua inserção no discurso de escritora:

Quando nós, mulheres negras, nos definimos, claramente rejeitamos o pressuposto de que aqueles em posição que lhes garante autoridade para interpretar nossa realidade têm legitimidade para tanto. Mesmo sem levar em conta o conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição da mulher negra valida o poder das mulheres negras como sujeitos humanos³⁷.

O estudo do conceito da interseccionalidade a partir da obra *Quarto de Despejo* também evidencia o papel contra hegemônico da literatura de Carolina de Jesus frente à figura do cânone literário, ou ao que se entende como estruturante na canonização do conhecimento:

³⁶ *Ibidem*, p. 64. Carolina de Jesus não era escritora só de diários. Ela escrevia também poesia e alguns poemas que integram o próprio livro *Quarto de Despejo*. Escrevia também outros gêneros literários, como peças de dramaturgia e provérbios.

³⁷ Patricia Hill Collins, "Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição", 2019, p. 295.

A manutenção da preferência por obras e autores que se enquadram em uma determinada identidade cultural e literária de postura ortodoxa, vista como única representante de uma certa forma de produção literária que aceita como únicos os critérios de uma certa “ditadura cultural”, mantidos pela ordem social e propagados em nossos sistemas de ensino como inquestionáveis³⁸.

Em vista disso, Rita Schmidt expõe o quanto que a gradual visibilidade de obras de autoria feminina foi responsável não só por certa reformulação nos currículos das universidades, mas, sobretudo, por certas interrogações relacionadas a premissas críticas e formações canônicas, uma vez que as representações dominantes embutidas no discurso assimilacionista propõem a imagem de um sujeito nacional não marcado pela diferença.³⁹ A literatura de testemunho de cunho social analisada aqui é incompatível com essa imagem. Melhor dizendo, ela não manifesta a posição do homem branco como positivo, neutro, absoluto, diante do protagonismo de uma Carolina mulher, negra, pobre, periférica e escritora. No caso da literatura de Carolina Maria de Jesus, ela, a mulher negra escritora, se torna sujeito da sua própria história, a qual vem a ser contada a partir da sua perspectiva situada.

Esse papel contra hegemônico expressa a concretude das diferenças de raça, classe e gênero. Contudo, na busca por uma sociedade mais igualitária e libertária, pode-se dizer que não são precisamente as diferenças que nos separam uns dos outros, mas a “recusa em reconhecer essas diferenças e em examinar as distorções que resultam do fato de nomeá-las de forma incorreta e aos seus efeitos sobre o comportamento e expectativa humana”⁴⁰. É necessário

³⁸ Naiva Batista Ferreira, *Quarto de Despejo: Gênero e Autobiografia na Literatura de Carolina Maria de Jesus*, 2019, p. 26.

³⁹ Rita Terezinha Schmidt, “Na literatura, mulheres que reescrevem a nação”, 2019, p. 66.

⁴⁰ Audre Lorde, “Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença”, 2019, p. 240.

reconhecer a diferença para se pensar em um mundo com igualdade de condições a todos e a todas, proporcionando assim, de fato, a formação de uma sociedade em que o respeito prevaleça e as possibilidades sejam equivalentes em meio a pluralidade de indivíduos e pensamentos. Consideramos que esse mundo seja concebível e que o conceito de interseccionalidade seja um aliado para esse trajeto.

3. Uma luta integrada: pensando o *Quarto de Despejo* e o feminismo negro

A dimensão política, social e econômica suprimiu, e ainda suprime, o conhecimento produzido pelas escritoras negras, já que esses sujeitos ainda enfrentam resistências para ter seus nomes, suas vivências e seus escritos reconhecidos na sociedade contemporânea. Em contrapartida, a posição à margem possibilitou também à mulher negra desenvolver um ângulo específico de visão voltada a essas mesmas instituições que a excluem, assim como maneiras específicas de resistir às situações de opressão nas quais se veem enredadas.

Quarto de despejo: diário de uma favelada exhibe aspectos importantes relacionados às formas de resistência dessa situação de marginalização. De acordo com Sueli Carneiro:

O esforço pela afirmação de identidade e de reconhecimento social representou para o conjunto das mulheres negras, destituído de capital social, uma luta histórica que possibilitou que as ações dessas mulheres do passado e do presente (especialmente as primeiras) pudessem ecoar de tal forma a ultrapassarem as barreiras da exclusão⁴¹.

⁴¹ Sueli Carneiro, “Mulheres em movimento: contribuição do feminismo negro”, 2019, p. 287.

Da perspectiva da luta por igualdade e justiça social pautada em uma mobilização social ampla que envolva o entrelaçamento das questões de gênero, raça, classe, sexualidade, nacionalidade e religiosidade – destaque ao papel fundamental dos movimentos feministas, desde o *Black Feminism* até o pensamento feminista negro no Brasil –, os diários de Carolina de Jesus apontam para a chance de ascensão social daquela que está na base da hierarquia social e, desse modo, longe de ser vista dentre os destaques literários dentro da perspectiva da figura do cânone.

Em algumas passagens do livro, Carolina de Jesus explicita sua recusa de se envolver com alguns homens e também com a ingestão de álcool, tendo em vista sua luta pela sua sobrevivência e a dos seus filhos por meio do seu ideal, a escrita e a leitura. A escrita e a leitura, para ela, se configuravam em meios de escapar da realidade, e, ao mesmo tempo, em maneiras de lutar contra as opressões e de resistir a elas. Após o comentário de um morador da favela que alega nunca ter visto uma mulher preta gostar tanto de livros como Carolina, ela escreve, em 23 de julho de 1955: “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”⁴². Outra passagem que reforça este ideal é quando recusa a proposta de casamento de Manuel, outro morador da favela:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lapis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal⁴³.

⁴² Carolina Maria de Jesus, *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, 2014, p. 26.

⁴³ *Ibidem*, p. 49.

A partir da *escrevivência* de Carolina Maria de Jesus, retira-se a *máscara*, o silenciamento e a inexistência desaparecem quando o *lugar de fala* é estabelecido. A literatura é uma das vias pelas quais é possível restituir esse lugar e essa voz. E, com esses, iniciar também algum diálogo, como aquele ao qual Grada Kilomba se refere quando declara que o ato de falar envolve uma negociação com aquele que escuta: alguém somente pode falar quando se é ouvido.⁴⁴ O reconhecimento de um indivíduo se faz a partir do momento em que ele é escutado. Segundo Patricia Hill Collins, em *Pensamento Feminista Negro*:

Suprimir os conhecimentos produzidos por qualquer grupo oprimido facilita o exercício do poder por parte dos grupos dominantes, pois a aparente falta de dissenso sugere que os grupos subordinados colaboram voluntariamente para a sua própria vitimização. A invisibilização das mulheres negras e de nossas ideias – não apenas nos Estados Unidos, mas na África, no Caribe, na América do Sul, Europa e em outros lugares onde vivem mulheres negras – tem sido decisiva para a manutenção de desigualdades sociais⁴⁵.

A publicação e ampla divulgação da obra de Carolina é pertinente para pensarmos formas de resistência aos sistemas de opressão que ainda regulam a sociedade, pois o modo como a interseccionalidade se expressa na escrita dessa autora nos dá a possibilidade de refletir sobre algumas maneiras de quebrarmos esse silenciamento alicerçado, antes de tudo, na força e no poder de oprimir da colonialidade. Estudar a interseccionalidade diz respeito a resgatar as vivências insubmissas ao sistema e, por isso, é também um ato político, na medida em que aprofunda os saberes que permearam e ainda permeiam a vida das mulheres negras não somente pelo ato da escrita, mas também por que elas, afinal, estão

⁴⁴ Grada Kilomba, *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*, 2019, p. 41-42.

⁴⁵ Patricia Hill Collins, *Pensamento Feminista Negro*, 2019, p. 32.

vivas e criando constantemente modos de resistir, sejam esses formais ou informais, conhecidos ou anônimos.

O debate interseccional impulsiona, portanto, a pluralidade do conhecimento, como também o entendimento sobre as diferentes posições dos sujeitos, reconhecendo, desse modo, as situações de opressão e de privilégio. As relações de poder que são estabelecidas com as opressões, conseqüentemente, a presença de injustiças e posição desigual entre os indivíduos se apresentam como problemas que envolvem toda a sociedade. Em vista disso, se enfatiza a luta por uma sociedade mais justa, que ofereça condições e tratamentos iguais a todos, como também a liberdade do outro em falar, se expressar e se reconhecer no mundo, convertendo-se em um indivíduo com amplas oportunidades e possibilidades para além de sua condição de raça, de gênero e de classe.⁴⁶

Referências

ALENCAR, Yohana Maria; MELO, Miguel Ângelo de. Uma análise interacionista sobre a construção social da pobreza na literatura brasileira por Carolina Maria de Jesus: “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, v. 06, p. 29-41, 2017.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pólen, 2019.

⁴⁶ Sueli Carneiro, “Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, 2019, p. 320.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*, Vol. 1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento: contribuição do feminismo negro. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento Feminista Negro*. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. *In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

FERREIRA, Naiva Batista. *Quarto de Despejo: Gênero e Autobiografia na Literatura de Carolina Maria de Jesus*. 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) –Universidade Federal do Amazonas, Manaus.

GARCIA, Rebeca Mendes.; BELTRÃO, Larissa Cardoso. O cânone e a literatura marginal de Carolina Maria de Jesus: uma análise de Quarto de despejo. *HUMANIDADES & INOVAÇÃO*, v. 6, n. 4 v. 2, p. 83-92, 2019.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*, v. 26, n. 1, p. 61-73, 2014.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista*: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. A mulher negra no mercado de trabalho. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista Brasileiro*: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RAUL, Jéssica Mara. Carolina Maria de Jesus: Literatura, espaço e História. *Revista Labirinto*, v. 30, p. 241-253, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de Fala*. São Paulo: Pólen, 2019.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Na literatura, mulheres que reescrevem a nação. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). *Pensamento feminista brasileiro*: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, v. 2, n. 1, p. 03-20, jun. 2010.

SILVA, Sara Raquel de Andrade. O Figurino da Colônia: Uma análise da sociedade colonial brasileira a partir da indumentária. *Revista História*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 378-391, 2014.

Referência para citação deste artigo

VIEIRA, Julia de Freitas. A interseccionalidade a partir de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. 244 – 268, novembro de 2020.